O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2010

VOLUME I

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

O ENSINO DE HISTÓRIA: IDENTIDADES E COMEMORAÇÕES NAS REPRESENTAÇÕES FOTOGRÁFICAS DO MUNICÍPIO DE IRETAMA NA DÉCADA DE 1970[1]

Benedito da Fonseca[2]

Fábio André Hahn[3]

Resumo

A década de 1970 foi um marco no processo de ocupação e modernização do campo, trazendo grandes contribuições na facilidade de manejo, entretanto trouxe com isso consequências que levaram uma grande massa da população rural ao êxodo em direção as cidades. No caso do município de Iretama não foi diferente, no entanto alguns elementos marcaram profundamente o contexto histórico desse município e que foram objeto de investigação nesse texto, como a constituição de identidades e as comemorações retratadas nas fotografias, as quais que tem como objeto a festa do milho de Iretama na década de 1970. Portanto, a proposta é demonstrar como a história local pode ser pesquisada e ensinada por meio das representações fotográficas, elegendo-a como fonte histórica. Nesse sentido, os elementos aqui apresentados sobre aspectos da constituição identidatária do município nas comemorações por meio das fotografias são resultado das atividades desenvolvidas com alunos da 7ª série do ensino fundamental do Colégio Estadual Anibal Khury Ensino Fundamental e Médio no ano de 2011.

Palavras-chave: Festa do Milho, Iretama/PR, História local

1 INTRODUÇÃO

O ensino de História local é um ponto de partida para aproximar professores e alunos no ensino de história, pois possibilita a contextualização mais próxima da realidade social entre educador/educando/sociedade. O local é o espaço primeiro de atuação das pessoas, por isso o ensino da História precisa configurar também essa proposição de oportunizar a reflexão permanente acerca das ações dos que ali vivem como sujeitos históricos e cidadãos.

---

[1] Artigo referente à produção didático-pedagógica apresentada como uma das exigências do Programa de Desenvolvimento Educacional, da Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná, realizado em parceria com a Universidade Estadual do Paraná – câmpus de Campo Mourão.

[2] Professor da Rede Estadual de Educação Básica do Paraná, lotado no Colégio Estadual Aníbal Khury, com especialização em história.

[3] Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Paraná - Câmpus de Campo Mourão.

Nesse sentido, propôs-se um estudo do contexto histórico que envolveu o processo de colonização do município de Iretama, a fim de aproximar os alunos da história local, ou seja, da sua própria realidade histórica. Com isso, pretende-se investigar questões sobre a história do município de Iretama de modo que possibilite contemplar novos aspectos históricos no ensino da História do Paraná cujos conteúdos passaram a ser obrigatórios no ensino fundamental e médio da rede pública estadual de ensino com a Lei Estadual n.º 13381, de 18 de dezembro de 2002, promulgada pelo governo do Paraná.

A partir de 2003 (PARANÁ, 2008, p. 11), foram postas em vigor as Diretrizes Curriculares para o Ensino de História, as quais propõem a reestruturação da organização curricular com base em conteúdos estruturados e estes, por sua vez, articulados com a fundamentação teórica e com o Projeto Político-Pedagógico da Escola. A diversidade cultural e a concepção de trabalho com as diversas fontes também ganham espaço. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares (DCE) contribuem no sentido de possibilitar aos alunos uma visão mais abrangente com relação aos conteúdos de história e, sendo assim, seu objetivo maior é propiciar a formação de uma “consciência histórica”.

Apesar de certos avanços na produção historiográfica sobre a História do Paraná após a promulgação da citada lei, pouco ainda se encontrou sobre a região de Campo Mourão, chegando a uma quase inexistência da produção historiográfica sobre Iretama, fato que justifica parcialmente o desenvolvimento dessa pesquisa, que visa estudar aspectos da história local.

Partindo dessas reflexões iniciais, optou-se, como já destacado, pelo estudo da história local, tendo em vista a quase inexistência de produção historiográfica e, consequentemente, a falta de material didático sobre a história local. Nesse sentido, o objetivo é estudar os aspectos dessa história local, mais especificamente a chamada Festa do Milho, como construção identitária e de legitimação política do município de Iretama. Este estudo foi realizado por meio de fotografias, possibilitando integrar alunos, pais e a comunidade, fazendo com que se compreenda como sujeitos dessa história.

Desse modo, tomando maior cuidado em não simplesmente narrar aspectos dessa história, mas observar com rigor científico as informações das fontes (Cf. CAPRINI, 2007), como desenvolver um estudo que leve em

consideração aspectos pouco investigados, mas que retratam elementos identitários presentes nas comemorações e representados nas fotografias de Iretama.

1 IRETAMA E A FESTA DO MILHO: CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E COMEMORAÇÕES

Entre os anos de 1947 a 1950 teve início o grande ciclo colonizador no Estado do Paraná. O café foi instituído, neste momento, como uma das principais fontes econômicas e, fator que consequentemente levou ao surgimento de novas cidades no Paraná. Em 1950, o empresário da cafeicultura Sr. Jayme Watt Longo, que tinha estabelecido sua sede na capital de São Paulo, com a empresa JOMA – cuja sigla era formada pela letra inicial de seu nome e a dos demais sócios: Otaviano Felix, Manoel de Castro Nogueira e Augusto Canesin, passaram a colonizar a região que hoje compreende o município de Iretama.

Em 1950, com a nomeação do prefeito interino Francisco Ruiz, que respondeu até o momento do empossado em ato solene no dia 27/7/1960. Em 10 de novembro de 1961, com a posse do primeiro prefeito eleito, Sr. José Sarmento Filho e a constituição da Câmara Municipal, o município tomou novos rumos.

Aquela gleba de terras pertencente ao território do município de Campo Mourão foi constituída, com a devida ata de fundação, em 30 de agosto de 1954. Já no ano seguinte, em 3 de maio de 1955, de acordo com a Lei Municipal nº. 2.472, Iretama passa a ser Distrito Administrativo de Campo Mourão. A emancipação política viria poucos anos depois, em 25 de julho de 1960, em que o Decreto-Lei Estadual nº 4245 criou o Município de Iretama.

O município está localizado na região do Centro Oeste do Paraná, limitando-se ao norte com o município de Barbosa Ferraz e Godoy Moreira, ao sul com o município de Roncador, ao leste com Nova Tebas e ao oeste com Luiziana. Segundo dados do IPARDES, a sua área territorial é de 568,330 km^2 e a divisão administrativa contém dois distritos e cinco assentamentos. O relevo do município é bastante acidentado, o que o caracteriza como detentor

de um dos maiores números de minifundiários do país. Sendo assim, a topografia da terra apresenta-se entre montanhas, que são semelhantes às de Minas Gerais, motivo que pode ter contribuído como atrativo na migração de um grande número de mineiros para Iretama.

A economia é voltada para a agricultura. Segundo dados do IPARDES, nessa atividade se destacam a produção de milho e soja, tendo também forte pecuária. A população é de aproximadamente 10622 habitantes, sendo 6187 habitantes área urbana e 4435 na rural.

As festas cívicas e religiosas eram tão concorridas que atraíam gente de toda a região, como até de outros estados do Brasil. Nesse sentido, no caso de Iretama a festa do Milho serviu como ato comemorativo na construção identitária da sua população, tendo em vista a forte produção de milho na região entre final da década de 1960 e início da década de 1970. A festa também foi associada ao aniversário da paróquia Santa Rosa de Lima, o que acabava aproximando os elementos religiosos e o fortalecimento da comunidade municipal.

A festa sempre foi apresentada com grande fartura alimentar e animada por dupla iretamense Mineiro & Gentil. Essa festa tornou-se muito expressiva, inclusive com a realização de concorridos concursos, como o de "maior produtor de milho do município" e o da "maior e melhor espiga de milho" (com espigas apresentadas em variados tabuleiros de exposição – fato que representava grande expressão estética). Além dos concursos citados, também na época foi instituído o concurso da "rainha do milho", que era representada pelas mais belas candidatas e um dos critérios de seleção era a de maior arrecadadora de prendas em benefício da paróquia local. Portanto, aliando características religiosas da comunidade com o estabelecimento político, se tornava marcante a construção identitária em torno da comemoração festiva.

Fazia-se, pois, a festa colocando o que de melhor havia na colheita daquele ano. Quanto ao concurso de escolha da maior e melhor espiga de milho, cabe lembrar que naquele tempo os agricultores faziam suas colheitas manualmente, sendo assim, tinham bem como escolher suas espigas para que fossem apresentadas ao referido concurso. O prêmio era um troféu e, em uma das vezes, conforme informações relatadas nas entrevistas, também uma saca de milho para plantio patrocinada pelas empresas da área.

Além da participação direta dos agricultores e comerciantes, as escolas participavam do evento realizando desfiles, dos quais participavam as escolas do município. A cidade ainda nem possuía luz elétrica, nem água encanada, muito menos estradas pavimentadas que pudessem ligar a localidade a centros maiores. Entretanto, possuía uma forte política identitária construída em torno da festa do milho.

Nesse sentido, a festa precisa ser entendida como tradição, na acepção daquilo que o grupo faz e passa de geração em geração, tendo uma periodicidade, como ocorreu com a festa do milho de Iretama. Tradição não é imutabilidade, pelo contrário, é mudança, é o que se vive na periodicidade, tem uma estrutura (forma) básica fundamental, mas o conteúdo pode variar. A festa é um elemento de constituição identitária, pois nunca morre, fica na lembrança do grupo, não se descaracteriza. O enredo das festas não se repete, mas o evento não deixa de acontecer. No caso de Iretama, a Festa da Colheita foi substituída pela Festa do Milho, sem necessariamente ter essa pretensão.

Eric Hobsbawn considera que o objetivo e a característica da tradição, principalmente no caso das tradições inventadas, é a invariabilidade, impondo assim uma repetição. Dessa forma, a função da tradição é resistir à inovação, dar continuidade histórica. O autor alerta, porém, para o fato de que, ao nos debruçarmos sobre uma “tradição inventada”, não estamos a estudar suas chances de sobrevivências, e sim o modo como elas surgiram e se estabeleceram. De acordo com o entendimento de Hobsbawn, “tradição inventada” é:

> [...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWN, 1984, p. 9).

Iretama, como outras cidades da região, viveu alguns ciclos importantes da economia nacional e a lavoura cafeeira teve sua importância no seu desenvolvimento, além do milho, cujo cultivo proliferou pela região e fez Iretama levar, anos mais tarde, o título de capital do milho, razão pela qual se instituíram festividades nesse ínterim, tendo o milho como a principal atração.

Historicamente, as festas municipais têm sido eventos utilizados pelas políticas e pelo empresariado para mostrar a pujança econômica local. No caso de Iretama, elegeu-se um produto para propaganda e para envolver a sociedade local na promoção da festa. Quanto mais envolvida a população local se sentido parte da festa, maior a chance de sucesso na construção identitária. A relação da política municipal, das instituições comercias e da própria população, tornou-se fundamental para que a festa tivesse sucesso, ou seja, formando um elo identitário, criando, dessa forma, uma tradição.

Nesse sentido, a comemoração tem por objetivo tornar presente as representações históricas e culturais do passado que são julgados importantes para integrar a comunidade que a realiza.

Segundo Michel Pollack, a memória é um elemento constitutivo do sentimento de identidade, tanto coletiva quanto individual, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Essa construção, porém, não está isenta de mudanças, de negociação e de transformação em função do outro (Cf. POLLACK, 1992, p. 200-212).

Entende-se por identidades coletivas todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro – quer se trate de família ou de nação – o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência de pertencimento.

Para realizar a Festa do Milho em Iretama, foi instituída pelo poder público local uma comissão, composta por membros representantes de diferentes setores da sociedade iretamense. A comissão é uma espécie de representação da sociedade, uma vez que, com o apoio do poder executivo local, assume a condição de sujeito coletivo privilegiado que planeja, orienta e faz executar a festa. Nesse sentido, percebe-se que a sociedade representada na comissão é formada por aqueles seguimentos que detêm algum poder e intervindo diretamente na construção identitária.

Na década de 1970, tempos áureos em todos os municípios agrícolas paranaenses, época em que havia o maior número de habitantes nas localidades do interior e mais de 80% da população residiam em área rural. Em Iretama não foi diferente. A população da época, que aumentava até a metade da década e que proporcionava ao comércio local grandes vantagens e um

consumo sem igual. Porém, nos anos seguintes começou a declinar, face à erradicação das lavouras cafeeiras e à mudança estratégica do governo federal para o plantio em massa de culturas periódicas.

As transformações econômicas e sociais no espaço agrário paranaense se intensificaram a partir da década de 1970, com o acelerado processo de modernização agrícola, acompanhado da disseminação das culturas modernas da soja e do trigo. Isso resultou na ampla utilização dos novos meios de produção, ou seja, no emprego expressivo de máquinas e de insumos de origem industrial. Deve-se observar que as transformações no processo produtivo foram amplamente condicionadas pelo Estado, que serviu de agente à solidificação do capital internacional, representado pelas grandes empresas estrangeiras. Dentre os vários mecanismos públicos, cabe lembrar que o crédito subsidiado, em boa parte, serviu de sustentáculo às inovações da produção agrícola regional.

Com a incorporação das novas técnicas, os agricultores ficaram mais vulneráveis aos meios modernos, isso devido à intensa alteração das relações de trabalho no campo, em outras palavras, com a ampliação do uso da força mecânica, o trabalho humano se reduziu consideravelmente. Em síntese, se, por um lado, o avanço do capital na agricultura viabilizou o processo produtivo, o mesmo não ocorreu com a massa de trabalhadores rurais, já que a substituição da força braçal pela mecânica liberou milhares desses proletariados.

A partir da década de 1970, as pequenas propriedades foram incorporando-se às médias e grandes propriedades, ocasionando, assim, a (re) estruturação fundiária. Entre as variáveis que explicam essa mudança, destaca-se: a erradicação dos cafezais, provocada pela política de desestímulo à cafeicultura, simultaneamente a superprodução ocasionando o desequilíbrio entre a oferta e a procura. O Estatuto do Trabalhador, que para muitos dificultou a relação empregado e empregador; as geadas constantes, especialmente a de 1975; a política do governo de incentivo à exportação de grãos (oleaginosas) em detrimento da produção de alimentos para o mercado interno; em síntese, a modernização da agricultura.

Em linhas gerais, pode-se afirmar que, dentre as variáveis que contribuíram para as transformações no campo, a mais significativa e de maior

repercussão, que mudou a estrutura fundiária no Paraná, aponta para o desenvolvimento da agricultura com o uso intensivo de capital e tecnologia, ocasionando mudanças significativas nas relações de produção e, consequentemente, nas relações sociais. Isto implicou, em grande escala, a substituição da monocultura do café pelas culturas temporárias, sobretudo pelo binômio soja/trigo e pastagens. A economia de escala provocou a expropriação e expulsão de milhares de pequenos agricultores e trabalhadores do campo, especialmente os desprovidos de recursos. Esses problemas foram inevitáveis diante das mudanças estruturais da economia rural.

A partir desse contexto, entende-se que a modernização do campo, produzida pela indústria com produtos cada vez mais sofisticados, bem como as mudanças de culturas e a crescente concentração fundiária, ampliaram o contingente de trabalhadores do campo em direção a cidade, acelerando o êxodo rural e destituindo o vínculo identitário com a festa do milho.

Apesar de existirem poucos documentos sobre a Festa do Milho que nos possibilitassem estudá-la melhor, propusemos realizar um estudo com os alunos, utilizando fotografias e realizando entrevistas que possibilitasse dar voz aos moradores para que eles contassem a partir de suas próprias trajetórias suas experiências, num processo conjunto de resgate da identidade individual e da memória coletiva. Nesse caminho, é preciso ter clareza sobre o que é uma fonte histórica.

2 A FOTOGRAFIA COMO FONTE HISTÓRICA

A escola dos Annales, mais especificamente a partir da década de 1970, passou por uma renovação em muitos aspectos da sua estrutura teórica, no que se refere aos aspectos relacionados à concepção de fonte histórica. Fator este que permitiu repensar as pesquisas históricas, impactando consequentemente no ensino da história.

Entretanto, essas mudanças no campo da história demoraram certo tempo para chegar aos nossos currículos escolares. Mas é inegável que se fazem presentes no contexto atual, ou ao menos deveriam. Nesse sentido, as

novas linguagens como imagens fílmicas e fotográficas, memórias, entre outras, são saídas metodológicas imprescindíveis no ensino de história.

A partir dessas linguagens, compreendemos que o passado não é estático, pois as mesmas nos permitem construir e reconstruir permanentemente o conhecimento. No entanto, o historiador necessita recorrer às fontes de pesquisas fotográficas e a partir de suas interpretações, incorporá-las como estratégias, as quais contribuirão para que os seus alunos passem a entender essa aventura interpretativa, especialmente quando tratarmos da fotografia como fonte histórica.

O amplo acesso s fotografias presentes no dia-a-dia dos alunos por meio de câmeras digitais e/ou mesmo celulares que desempenham essa função é cada vez mais comum. No entanto o grande problema é a realização da leitura dessa linguagem de modo adequado, além disso, a imagem precisa se desvincular do antigo estereótipo de utilização das imagens apenas como mera ilustração, sem estabelecimento de parâmetros para a análise. A fotografia, que incialmente foi utilizada apenas como um complemento do texto, ilustrando os discursos, deve agora ser lida de forma diferente.

A partir dos anos 1990, os historiadores começaram a apresentar maior interesse pela fotografia, alargou seu espaço no campo da pesquisa e da produção acadêmica. Desse modo, construía-se uma função da fotografia no entender da construção social.

Avaliando as Diretrizes da Educação Básica do Estado Paraná (2008, p. 49), parece explícito a partir das novas correntes teóricas a introdução de novas fontes históricas e formas de explicar a realidade. Nesse sentido, parece estar em sintonia à ideia de transformação do ensino de história. No entanto é preciso ainda construir esse caminho de forma mais sólida e ancorada na diversidade de fontes, em especial na construção de suas metodologias de análise.

Ao contrário da noção de documento no historicismo do século XIX, em que a fonte falava por si e a história era uma narrativa de fatos políticos numa neutralidade do historiador. Na renovação historiográfica do século XX, o papel do historiador é fazer o documento falar, construir uma narrativa seletiva, de intencionalidades e esquecimentos.

Como salientou Eric Hobsbwm:

> Todo estudo de história, portanto implica uma seleção, uma seleção minúscula, de alguma coisa das atividades humanas do passado, e daquilo que afetou essas atividades. Mas não há nenhum critério geral aceito para se fazer tal seleção (HOBSBWM, 1998, p. 71).

Com essa renovação no papel do historiador enquanto pesquisador, mas também enquanto professor é possibilitar um ensino de História orientando, analisando fontes históricas e os seus respectivos contextos, tendo em vista que essas são ações humanas no passado, retratadas pela versão do autor da fonte.

O documento não é mais exclusivamente um texto escrito como já foi apontado anteriormente. Portanto, os alunos precisam compreender isso quando estudam história, precisam se entender como sujeitos do processo de construção. Com isso, a imagem é um excelente caminho para o estudo da história, especialmente se fugir da antiga perspectiva de que ela é apenas um suporte de ilustração aos textos. Mas, usada como documento em pesquisas históricas, ela retrata a realidade, mas não é cópia fiel do real. A fotografia é uma imagem congelada do que pode ser interpretada além das aparências e percebida como produto das escolhas de quem a realizou. Por isso, a fotografia será sempre uma fonte de interpretação.

Segundo Boris Kossoy (2009, p. 129), por mais isenta que seja à interpretação dos conteúdos fotográficos, o passado será visto a partir da interpretação do fotógrafo que realizou opções para capturar sua imagem, manipulando a tomada do registro, assim como todo o processamento até a obtenção da imagem final. Kossoy (2009, p. 47-49), ao tratar da imagem fotográfica, destacou as suas “múltiplas faces e realidades”. Em sua obra informa que a primeira face é o visível, o que se vê impresso, imóvel no documento. A segunda realidade é o invisível, o que não podemos ver, mas que podemos intuir imaginar e reconstituir. Portanto, Kossoy sugere que devemos analisar o contexto em que a imagem foi produzida e a história de vida dos sujeitos que a envolvem, nesse caso, de quem retratou e de quem foi retratado.

Assim sendo, a imagem fotográfica é um documento que fornece provas, indícios e funciona sempre como documento iconográfico acerca de

uma dada realidade. A fotografia não é a verdade, mas um conglomerado de interpretações (Cf. KOSSOY, 1999, p. 31-38). Nessa direção, Ana Maria Mauad complementa afirmando que a fotografia envolve suportes tradicionais como os álbuns de família, imagens digitalizadas que circulam o ambiente familiar e na internet, sendo fontes de informação a quem assuma o papel de leitor/destinatário. Segundo Mauad:

> Na qualidade de texto, que pressupõe competências para sua produção e leitura, a fotografia deve ser concebida como uma mensagem que se organiza a partir de dois segmentos: expressão e conteúdo. O primeiro envolve escolhas técnicas e estéticas, tais como enquadramento, iluminação, definição da imagem, contraste, cor etc. Já o segundo é determinado pelo conjunto de pessoas, objetos, lugares e vivências que compõem a fotografia. Ambos os segmentos se correspondem no processo contínuo de produção de sentido na fotografia, sendo possível separá-los para fins de análise, mas compreendê-los somente como um todo integrado (MAUAD, 1996, p. 10).

A escola dos Annales proporcionou uma reflexão e valorização das fontes para a explicação dos acontecimentos históricos, visto que a historiografia tradicional valorizava apenas o documento escrito como fonte para a produção de conhecimento.

Os autores como Barthes, Kossoy e Mauad são unânimes no sentido de que para avaliar um documento visual é necessário atentar para três pressupostos básicos e inerentes à própria história: expressão e conteúdo, tempo e espaço, percepção e interpretação. Como destaca Mauad, “A noção de espaço como chave de leitura das mensagens visuais, devido à natureza deste tipo de texto” (MAUAD 1996, p. 14).

Dessa forma, o trabalho com fotografia em sala de aula pode ser iniciado com uma análise descritiva da obra, ou seja, temas, personagens, vestimentas e espaços. Outro fator importante é a procura de questões que estão colocadas além da imagem, ou seja, fatos relevantes que aconteceram no mesmo contexto de quando a foto foi tirada, e então, quanto maior o número de informações externas à imagem, mais consistente se torna o estudo histórico do tema, sua análise e compreensão.

Esses são os apontamentos iniciais. Nesse sentido, algumas questões podem ser formuladas aos alunos para ajudá-los a realizar a leitura adequada das fotografias, bem como a sua utilização para comparação com o presente,

observando as mudanças e as permanências ocorridas ao longo dos anos que se passaram, desde a sua produção até os dias atuais. Como destaca Kossoy (1999, p. 143), “[...] é justamente nas possibilidades que a imagem oferece à pesquisa, à descoberta e às múltiplas interpretações que reside o seu fascínio”. Esse parece ser um fator importante, pois aproxima o aluno da sua história, por meio de uma fonte que lhe é comum.

O professor de História ao apresentar aos alunos imagens de algum fato, pede que os mesmos observem as imagens, porém não oferece subsídios para uma análise desse documento, ou seja, não explica como deve ser feita a observação e interligação da foto com o assunto que estava sendo abordado.

Por isso o professor deve ensinar aos alunos a “ler nas entrelinhas” da fotografia, avaliando como foi realizada e apontando e analisando sua ideologia no fato retratado. Esgotando, dessa forma, todas as possibilidades de análise da foto, fornecendo aos alunos conjeturarem toda uma rede de reflexões e relações, estarão os mesmos assim desenvolvendo seu aspecto cognitivo de investigação e formulação de teorias, contribuindo para a sua formação enquanto cidadãos críticos e conscientes.

O papel do professor é ser mediador, estimulando o aluno a ter uma posição crítica, incentivando-o a questionar não só os elementos mostrados na imagem, mas também o contexto que levou à sua produção. Nesse sentido, o professor poderá propor aos alunos consultas a outras fontes documentais disponíveis (livros, jornais, revistas, vídeos, etc.) no sentido de contextualizar o assunto, comparando essas outras fontes com as imagens e aprofundando sua análise.

Em síntese, a fotografia como fonte documental deve ser utilizada no ensino de história levando em consideração o contexto em que foi produzida e os interesses aos quais estava submetida. Além disso, sem deixar de explicitar os detalhes, as intenções na fotografia e em sua utilização, bem como entender que, enquanto pessoas do tempo presente, não podemos esquecer que nosso olhar está carregado de valores que diferem dos valores das pessoas do passado com quem interagimos.

3 EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL POR MEIO DE FOTOGRAFIAS

O trabalho com história local sempre é um desafio, por dois motivos: a falta de preparação dos professores é o primeiro entrave no trabalho com essa área. O segundo, talvez o mais complicado, é a falta de material didático adequado, quando existente, para ser utilizado em sala de aula. A superação desses dois desafios certamente contribuiria para uma compreensão mais clara da história por parte dos alunos. Uma história e uma memória que precisam ser repensadas.

Segundo Horta,

> O aprendizado e o conhecimento desses processos de memória são fundamentais para a capacitação dos indivíduos na elaboração e compreensão de sua própria história, de sua habilidade de "fazer história" através dos fragmentos e relatos encontrados nos diferentes "baús", pessoais, familiares, coletivos e institucionais (HORTA, 2008, p.112).

A preocupação com o ensino de história local tem início desde a década de 1930, percorre parcialmente a legislação educacional brasileira. Com as mudanças apresentadas pela escola dos Annales na década de 1970, o campo da história local ganhou destaque. A história local passou a ser utilizada como recurso didático, como um instrumento utilizado para desenvolver atividades de ensino, principalmente nas primeiras séries do ensino fundamental.

Em 1971, o Parecer nº 853, do Conselho Federal de Educação, que fixou o Núcleo Comum para os currículos de 1° e 2° graus (Lei Federal nº 5692/1971), introduziu algumas modificações que alteraram a perspectiva da abordagem da História Local. A mudança ocorreu em relação a introdução do local visando o ajustamento do educando ao meio onde vive. Para as séries seguintes seria entendido como uma "área de estudos", portanto com maior especificidade.

A publicação dos Parâmetros Curriculares na segunda metade de 1990 apresentou novas alterações. Entre elas, a principal foi a incorporação de uma nova concepção dos conteúdos e das metodologias no ensino de História. A História Local começou a ser utilizada como uma das temáticas do conteúdo de

todas as séries iniciais e como perspectiva metodológica em todas as séries da escola básica.

A partir desse momento, ficou inegável a importância da história local como proposta metodológica para o ensino de História. Dessa forma, tornou-se necessário a produção de materiais pedagógicos e o desenvolvimento de experiências com o ensino na sala de aula, de modo a apresentar propostas de trabalho diferenciadas e melhores resultados na aprendizagem dos alunos. Assim, as atividades desenvolvidas na implementação do trabalho, teve como foco o ensino da história local por meio de fotografias, procurando identificar a construção das identidades por meio das comemorações em torno da Festa do Milho de Iretama na década de 1970.

Schmidt e Cainelli destacaram que a utilização da história local como estratégia pedagógica é um importante meio para desenvolver temas em sala de aula. Segundo as autoras, a história local enriquece e inova a relação com os conteúdos, portanto uma opção metodológica. Com isso, o desenvolvimento do trabalho terá em consideração a formação de uma consciência histórica junto aos alunos (SCHMIDT & CAINELLI, 2004, p. 112-113).

Com base na fundamentação teórica adotada e nos dados apresentados, iniciou-se as atividades de implementação do projeto. O primeiro passo foi amadurecer as discussões nos Grupos de Trabalho em Rede - GTR/2011. O GTR constitui uma atividade que se caracteriza pela interação a distância entre o Professor PDE e os demais professores da Rede Pública Estadual, cujo objetivo é a socialização e discussão das produções e atividades desenvolvidas. Portanto, nesse momento o objetivo foi dialogar sobre as representações comemorativas e identitárias do município de Iretama por meio de fotografias da década de 1970. Entendendo essa atividade como uma possibilidade de integrar alunos, pais e comunidade, fazendo com que se sintam atores do processo histórico.

O interesse e a recepção dos professores da rede pública a respeito do tema foi percebido por meio do GTR (Grupo de Trabalho em Rede). As atividades do grupo foram constituídas de discussão de textos, do projeto de intervenção e do material didático por meio de uma página eletrônica na internet.

O diálogo sobre a importância da história local e a construção identitária foram questões que fizeram parte das discussões, mas em especial se destacou elementos pertinentes ao uso da fotografia em sala de aula, principalmente a partir de atividades interativas. Fato de grande surpresa. No entanto, ficou evidente que a preparação quanto a essa metodologia ainda é um grande entrave. Como fazer uma história por meio da fotografia? Essa pergunta pareceu bastante frequente, pois a familiaridade com as teorias da imagem ainda são restritas.

Nos cursos específicos realizados no PDE, foi abordada essa metodologia, fato que abriu perspectivas para pesquisa e sua utilização para o ensino. De modo geral, ao que parece, o trabalho gerou um importante debate que ajudou a definir e redefinir alguns elementos da pesquisa.

A implementação da pesquisa gerou inúmeros questionamentos, tanto teóricos, quanto metodológicos. A primeira ação foi apresentar a proposta de intervenção na escola aos professores e a direção, para na sequência fazer um trabalho mais direcionado com os alunos da sétima série do ensino fundamental do Colégio Estadual Aníbal Khury.

Antes de fazer um pequeno histórico junto aos alunos, a estratégia inicial foi verificar o que os mesmos conheciam sobre a história de Iretama e sobre a festa do milho. Para tanto, foi aplicado um questionário, procurando avaliar o conhecimento prévio dos alunos. O resultado foi parcialmente esperado e nem um pouco animador. Os alunos conheciam muito pouco, ou quase nada sobre a história da sua região. Certamente esse foi um fator motivador para o desenvolvimento da pesquisa.

Nesse sentido, a primeira ação mais direta junto aos alunos foi tratar sobre a história de Iretama. Ao apresentar um breve histórico do que existe em pesquisa sobre o município, bem como sobre a Festa do Milho, foi discutido a possibilidade de utilizar a fotografia como documento histórico, ressaltando a importância destas imagens para o patrimônio e para a identidade iretamense.

Partindo desses questionamentos iniciamos o desenvolvimento da implementação de uma proposta metodológica de ensino de história, tendo como foco principal a história local, mais especificamente sobre a festa do milho em Iretama na década de 1970 e o que ela representou do ponto de vista identitário.

A segunda atividade desenvolvida foi a divisão dos alunos em pequenos grupos com o propósito de levantar fontes históricas sobre a história local. As fontes poderiam ser escritas, iconográficas, fonte oral, fonte material (objetos), etc. Após terem feito o levantamento dos dados, os alunos realizaram uma exposição dos dados coletados da década de 1970, momento de início do processo de ocupação do território, no qual a necessidade de criação de vínculos entre as pessoas era fundamental.

Esta atividade fez com que os alunos desenvolvessem suas capacidades de investigação, trabalho coletivo, exposição e escrita do material selecionado. Uma atividade pensada com o objetivo de estimular os alunos à prática da escrita, favorecendo a reflexão e a emissão de opiniões por meio da produção textual, além disso, estimulou os alunos a pensarem criticamente e a refletirem sobre aquilo que estavam escrevendo.

Para aprimorar ainda mais a capacidade de análise crítica dos alunos, propomos um trabalho interdisciplinar. A proposta foi a análise do poema de Carlos Drummond de Andrade, *A Câmara Viajante.* A partir desse poema, foi trabalhado juntamente com a professora de português, que fez uma análise literária do poema, cabendo a mim o trabalho de contextualização histórica da fotografia. A partir dessa atividade, os alunos produziram algumas histórias em quadrinhos com base no poema e nos questionamentos mencionados nas atividades a partir da análise da tirinha do personagem Calvin e seu amigo, o tigre Haroldo, sobre os cuidados que o historiador deve tomar ao utilizar uma fotografia como fonte histórica.

Na terceira atividade desenvolvida e aplicada aos alunos foi sobre as seguintes questões: Para você o conhecimento da sua história, da história de sua família e da sua cidade são importantes? O resultado desse questionamento gerou uma série de respostas possíveis, quando instigados. Os alunos concluíram que cada um de nós tem sua história, que começa muito antes do nascimento e antes mesmo do nascimento de nossos pais. Carregamos as vivências de toda a família e, por extensão, de toda a humanidade. Já sobre a história do município, apontaram que é fundamental compreender as mudanças e as permanências ocorridas ao longo do tempo e do espaço.

Sobre o processo de ocupação do território do atual município de Iretama, e a sua construção identitária, por meio dos atos comemorativos, foi questionado aos alunos e sugerido que fizessem um levantamento com alguns dos primeiros migrantes para saber de onde, como e por que vieram para Iretama.

Percebeu-se pelas respostas dos alunos que as primeiras famílias chegaram ao município vindos da região Sudeste, principalmente de São Paulo e Minas Gerais. Essa migração foi motivada por melhores condições de vida e de terras para cultivar. Isso ficou evidente nos relatos dos demais moradores. As principais dificuldades aqui encontradas pelos migrantes se relacionavam à precariedade das moradias, dos transportes e de saneamento básico.

A colonização foi organizada pela Família Lunardelli que posteriormente passa para Companhia de Colonização Joma. A principal atividade econômica era a agricultura, sendo o milho e depois o café os seus principais produtos agrícolas.

Para o trabalho com as fotografias sobre a história local e a festa do Milho, foi solicitado aos alunos que conversassem com os pais, avós e moradores que vivenciaram esse período. Pesquisas junto aos órgãos públicos (Câmara Municipal, Prefeitura Municipal e Casa da Cultura) e religiosas (Matriz do município) foram realizadas, com o intuito de coletar informações, fotos e documentos sobre a década de 1970. Após a coleta dos dados, selecionamos algumas fotos possibilitaram entender a importância da Festa do Milho naquele momento histórico, social, político, cultural e econômico.

A análise de fotografias pertencentes às famílias dos migrantes colonizadores do município revelaram detalhes que se confirmaram pelos depoimentos das pessoas que viveram naquela época, mas que nem sempre são lembrados ou descritos em outros tipos de documentos do período.

Portanto, é preciso entender dois elementos: O primeiro é definir o que se entende por identidade coletiva e comemorações como legitimação política. A ideia básica é que as sociedades contemporâneas, preocupadas com a perda do sentido do passado e com o aprofundamento da capacidade de esquecer, têm se preocupado em retomar esse passado e, nesse retorno, procuram estabelecer caminhos para uma redefinição de identidade. E um elemento importante nesse processo são as comemorações, definidas por

Marieta de Morais Ferreira, com base em Philippe Raynaud, como uma: “[...] cerimônia destinada a trazer de volta a lembrança de uma pessoa ou de um evento [...] É um espaço para perpetuar a lembrança e indica a idéia de uma ligação entre homens, fundada sobre a memória” (FERREIRA, 1997, p. 157).

Portanto, a comemoração tem por objetivo tornar novamente presente, ou seja, representar os acontecimentos do passado que são julgados importantes para integrar a comunidade que a realiza.

Michel Pollak (1992, p. 4), enfatiza que a memória é um campo seletivo, no qual nem tudo fica gravado ou registrado. O autor entende que a memória é herdada, sofrendo flutuações, que são função do momento em que ela é articulada e expressa.

Conforme Pollak, as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo (Cf. POLLAK, 1992, p. 200-212).

No Caderno Pedagógico de História do Paraná, da SEED/PR (2008), são encontradas elementos sobre as festas cívicas onde se demonstram que elas surgem no contexto da laicização da sociedade, sendo seu maior exemplo o processo de construção de uma identidade nacional, popular e laica. Com o advento da República, instituiu-se para o povo acostumado a essas festas, novos momentos de formação da identidade (CADERNO PEDAGÓGICO DE HISTÓRIA DO PARANÁ SEED/PR, 2008, p.22). Nesse sentido, entendemos melhor porque as festas e comemorações tiveram um papel relevante na exteriorização dos projetos de identidade.

Outros autores abordam essa questão, como na análise feita por Circe Bittencourt:

> Um estudo mais global e complexo das práticas e símbolos do mundo contemporâneo realizado por Hobsbawm mostrou o relacionamento entre “o fenômeno nacional” e a construção das tradições inventadas, como ele denomina, no sentido de legitimar os vários “nacionalismos” surgidos a partir do século XIX, (BITTENCOURT, 2011, p. 55).

A autora destaca que as tradições nacionais não podem, a partir dessa reconfiguração, serem tratadas apenas pelos livros didáticos, acompanhados pelos professores em sala de aula. Circe acrescenta que as festas e comemorações, discursos e juramentos são considerados elementos importantes. Nessa conjuntura político-ideológica, a autora considera que uma das tradições novas que deveria compor o imaginário do brasileiro era a do "sentimento republicano" do povo, manifestado desde o período colonial.

Em síntese, com as discussões que tratam da investigação de questões como história local, mais especificamente das comemorações, identidades e fontes históricas, tendo por base a aplicação da metodologia da análise fotográfica, espera-se que possibilite aos alunos compreenderem e interagirem na construção do conhecimento histórico. Trata-se, portanto, de uma forma de fazer com que os alunos percebam, de forma crítica, que as comemorações não são apenas espaços de sociabilidades e de lazer dos habitantes da cidade, mas também espaços nos quais se constroem identidades locais politicamente. Marieta de Moraes Ferreira alertou para o fato de que as comemorações ocupam lugar central no universo político, mas não constituem apenas uma forma de produzir consenso, pois podem revelar também tensões e conflitos (Cf. FERREIRA, 1997, p. 157).

Retomando novamente as investigações da história local em sala, por meio das fotografias, foram utilizadas as tabelas para análise das técnicas no trabalho de análise fotográfica para Ana Maria Maud.

Figura 01 Concentração popular em homenagem a Festa do Milho em Iretama no dia 6 de setembro de 1970

Feita a análise das fotos, verificou-se que houve uma ressignificação da festa como caráter identitário e sua importância política, cultural, religiosa e econômica para o município de Iretama, possibilitando uma análise comparativa das mudanças e permanências.

A festa nunca morre, pois fica na lembrança do grupo, não se descaracteriza, acontecem atualizações. O enredo das festas não se repete, mas o evento não deixa de acontecer. A comemoração tem por objetivo tornar novamente presentes (ou seja, representar) os acontecimentos do passado que são julgados importantes para integrar a comunidade que a realiza.

FICHA DE ELEMENTOS DA FORMA DO CONTEÚDO

AGÊNCIA PRODUTORA	Foto particular				
ANO	1970				
Local retratado	Praça da Igreja				
Tema retratado	Festa do Milho				
Pessoas retratadas	Pessoas da				

	sociedade iretamense e região. Adultos, crianças mulheres.				
Objetos retratados	Pessoas, praça, barracas carros, bolo de aniversário da cidade, etc.				
Atributo das pessoas	Felizes				
Atributo da paisagem	Urbana				
Tempo retratado (dia/noite)	Dia				
N° da foto	01				

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: fotografias e história - interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n °. 2, 1996, p. 73-98.

Figura 02 1ª Exposição do artesanato local durante a Festa do Milho em Iretama - Jorgina Vieira de Lima

A partir da análise da fotografia verifica-se a participação da população local e regional atraídas pelas festividades proporcionadas pela Festa do Milho, promovida pela comunidade local por meio de seus representantes políticos e religiosos.

As fotografias antigas também fornecem pistas importantes sobre o modo de vida das pessoas, as relações de trabalho, as atividades econômicas, o uso de tecnologias, os meios de transportes, os recursos naturais, a arquitetura das construções, etc. Seu estudo pode estar associado a outros materiais antigos como adornos, instrumentos de trabalhos, objetos de uso pessoal, utensílios domésticos, pode servir para comparar imagens de um mesmo espaço feito em épocas diferentes, possibilitando observar sua dinâmica no tempo através das transformações que os elementos sofreram.

Toda imagem fotográfica tem uma história, no nosso contexto não poderia ser diferente. A sua história é um instrumento de fixação da memória e, neste sentido, nos mostra como eram os objetos, os rostos, as ruas, o mundo, e ao mesmo tempo, enquanto representação nos faz imaginar o manifesto, a emoção e a ideologia do fotógrafo.

FICHA DE ELEMENTOS DA FORMA DO CONTEÚDO

AGÊNCIA PRODUTORA	Foto particular				
ANO	1970				
Local retratado	Praça da Igreja				
Tema retratado	Exposição de artesanato local				
Pessoas retratadas	Crianças, senhoras e senhoritas				
Objetos retratados	Pessoas, barraca onde as espigas de milho ficam expostas.				
Atributo das pessoas	Felizes				
Atributo da paisagem	Urbana				
Tempo retratado (dia/noite)	Dia				
N° da foto	02				

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: fotografias e história - interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n °. 2, 1996, p. 73-98.

XXXX

O Vigario da Paroquia de Iretama e o Padre José Sauer que a muito tempo residiu em Campo Mourão. Padre Jose disse a essa coluna que nunca encontrou um povo tão bom e trabalhador como o povo de Iretama.

Muita gente desapontada com a retirada do Sr. Aramis Meyer Costa para o pleito de 15 de novembro. E as explicações paréce que não convence seus correligionários.

XXXX

Domingo, 6 de Setembro de 1970 FOLHA DE

FOLHA de Campo Mourão

FESTA DO MILHO

SUELY NUNES BARRETO (foto ao lado) foi coroada no ultimo dia 30 Rainha da Festa do Milho 1970 da cidade de Iretama. A pedida aconteceu na séde social do Clube Recreativo Iretama onde um sem numero de pessoas prestigiaram o acontecimento, dando ponto final as festividades alusiva ao 16º aniversário e a 2ª Festa do Milho.

no com um coquetel na sala de recepção da prefeitura municipal de Iretama.

A exposição de fotografias em Iretama foi organizada pelo sr. Djalma Ruiz Ferraz, tambem coordenador da Fanfarra do Colegio Estadual.

XXX

No ultimo dia 29 grupo de amigos do jovem Geraldo Gomes Martins, que, na ocasião aniversariava, surpreenderam-

Sr. Luiz Carlos Renzetti (foto) dinamico vice-prefeito de Iretama e um dos grandes batalhadores para a criação do Ginasio Estadual de Iretama do qual hoje é seu diretor

Figura 03 Cobertura jornalística sobre a Festa do Milho em Iretama - 06/09/1970 – Folha de Campo Mourão

É importante lembrar que em 6 de setembro de 1970, Iretama viveu momentos de alegria na comemoração de seu 16º aniversário de emancipação política e dia de sua padroeira Santa Rosa de Lima. Caravanas de todos os distritos estiveram na Praça Principal da “Capital do Milho”, onde não faltou animação proporcionada pela banda de música, uma homenagem de Campo Mourão à Iretama.

O povo nas ruas, as autoridades nos palanques, a festa animada, tudo dentro da produção de um clima harmonioso. O movimento da cidade era intenso, fato que reforçava o evento comemorativo como identitário, uma aproximação da população com a construção de um ideário. Suely Nunes Barreto havia sido eleita como a “Rainha da Festa do Milho”, representação da importância da agricultura em toda a região. Na sequência outras atividades foram realizadas como gincana automobilística no “Clube Recreativo Iretama”, e em especial, a premiação da maior e melhor espiga de milho.

No entanto, com tudo isso, a construção identitária em torno da festa apenas se manteve hegemônica no período em que os festivos representavam grande parte da população de Iretama, constituída de pequenas propriedades

de agricultores. Com o processo de modernização na agricultura, iniciada na década de 1970, que chegou ao seu apogeu na década de 1990, forçou um grande movimento migratório em direção as cidades, fato que passou a ser conhecido como êxodo rural. Os pequenos proprietários já não sobreviviam frente aos grandes proprietários que cada vez precisavam de menos mão de obra e produziam cada vez mais.

Com todos esses elementos, falar de festa do milho, da eleição da rainha da festa, fazia muito sentido na década de 1970, como pode ser percebido nos depoimentos coletados com moradores da cidade, nos documentos de divulgação da festa do milho, mas em especial, representados nas fotografias das festividades.

Considerações finais

A história de Iretama a partir da investigação da construção identitária, por meio dos elementos comemorativos como a Festa do Milho, esteve restrita em análise direta das representações nas imagens de época.

Para a aplicação da proposta de intervenção na escola foram desenvolvidas um série de atividades, desde a coleta de fotografias com a colaboração dos alunos até análise da documentação.

A proposta de intervenção e a aplicação do material didático pedagógico na escola ocorreram relativamente como havia sido previsto. Como é evidente, nem sempre os resultados são perfeitos, de modo que o caminho e a metodologia não tenham erros e problemas. Esse fator é inegável, mas houve mudança e avanços, especialmente pelo fato da utilização de uma variedade imagens de fotografias, fontes escritas e não escritas, com integração dos alunos. Já com relação à docência, o desenvolvimento de atividades com imagens como fonte documental revelou uma estratégia primordial: sempre começar abordando a história da realidade na qual vive o educando, abrangendo a identidade cultural local, levando em consideração aspectos do cotidiano da cidade e a história da própria escola pode ser abordada. Dessa forma, o aluno terá oportunidade de pesquisar também a história da sua própria família, por exemplo, no caso de pesquisa de campo ter a oportunidade em alguns casos de conversar com personagens vivos que foram retratados, esse

procedimento aprimora a capacidade de análise de imagens dos alunos e os mesmos passam a entender o sentido da memória fotográfica.

Considerando que a fotografia tem sido cada vez mais valorizada por pesquisadores e estudiosos do ensino de História, e sua presença cada vez mais contundente nos livros didáticos levou a destacarmos a importância do material didático atrelado as novas mudanças na pesquisa e no ensino de história, especialmente no que diz respeito aos recursos imagéticos. Portanto, o trabalho com fotografia levou os alunos da sétima série a compreender que a história é uma construção e que nem tudo o que parece é. Por exemplo as comemorações municipais não são apenas espaços de sociabilidade, mas elementos para construção identitária e política dos seus governantes. Em especial na década de 1970, quando o município era consideravelmente populoso e em fase de constituição dos seus alicerces, antes do processo mais intenso de êxodo rural.

Posto isto, cabe destacar que a fotografia constitui uma interessante ferramenta para o ensino de História, mesmo com seus problemas metodológicos ainda em fase de constituição, possibilita aos alunos uma melhor apropriação do conhecimento histórico. Assim como, contribuindo na formação dos alunos enquanto agentes construtores de sua história e da sociedade. Sem dúvida, com professor, é preciso inserir no cotidiano da prática escolar novas metodologias, meios e recursos para tornar a aprendizagem mais eficiente.

Referências

BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BITTERCOURT, Circe. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Ministério de Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales** - 1929 a 1989 – A revolução francesa da historiografia. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1992.

CADERNO Pedagógico de História do Paraná: **Representações, memórias, identidades. SEED/PR.**

CANABARRO, Ivo. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. **Revista Ensino de História**, Niterói, nº 5, 2004.

GONÇALVES, Maria de Almeida. História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: GASPARELO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; MONTEIRO, Ana Maria (Orgs.). **Ensino de história**: sujeitos saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

HOBSBAWN, E. **Introdução:** a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, E., RANGER, T. A invenção das tradições. [Trad. Celina Cardim Calvacanti]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Os lugares de memória**. In: SILVA, René Marc da Costa (Org.). Cultura popular e educação: Salto para o futuro. Brasília, Secretaria de Educação à Distância- SEED, 2008.

KOSSOY, Boris. **A fotografia como fonte histórica**: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo, SICCT, 1980.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é fotografia**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento**. In: História e memória. Unicamp, SP: 1998.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história - interfaces. **Tempo**, vol. 1, nº 2. UFF, Rio de Janeiro: 1996.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, 10, 1995.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretrizes Curriculares de História para a Educação Básica**. Curitiba, 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Ensino Básico. **Diretrizes curriculares de história**, 2008.

PRINSK, Carla Bassanezi. In: LUCA, Tania Regina de (Orgs). **O Historiador e suas Fontes**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PRINSK, Jaime. In: NADAI, Elza; MICELI, Paulo; Bittencourt, Circe. DAVIES, Nicholas (Orgs). **Ensino de história**: e a criação do fato. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

REZNIK, Luis. **Qual o lugar da história local?** Artigo publicado em: <www.historialocal.com.br>. Acesso em: 17 jul. 2011.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. In: GASPARELO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; MONTEIRO, Ana Maria (Orgs.). **Ensino de história:** sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

SCHMIDT, Maria auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: História Oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.